

Publique-se e distribua-se
Celeste Correia



29.11.06

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Nº 77/X

Voto de pesar pela morte do escritor
MÁRIO CESARINY DE VASCONCELOS
(1923-2006)

Mário Cesariny de Vasconcelos – o Mário Cesariny –, tornou-se num dos nomes marcantes da cultura portuguesa do século XX: poeta que foi pintor, Mário Cesariny tornou-se talvez, nestas qualidades, a encarnação mais visível e reconhecida, e o nome por excelência, da fase mais típica do Surrealismo português – cujos mentores desde sempre estabeleceram uma relação indispensável entre literatura e artes plásticas.

Nascido em Lisboa a 9 de Agosto de 1923, Cesariny foi aluno de Fernando Lopes Graça na Academia de Amadores de Música, em Lisboa, e frequentou, no início dos anos 40, a Escola de Artes Decorativas António Arroio, tendo então participado activamente em reuniões e actuações de jovens proto-dadaístas, no Café Herminius, na Avenida Almirante Reis. Tendo aderido ao neo-realismo, sob cuja pele proferiu, em 1945, e perante um público composto por operários, uma conferência intitulada “A Arte em Crise”, viria a afastar-se pouco depois deste movimento, descontente com os seus limites e imposições.

Em 1947 preparou e promoveu, com Alexandre O’Neill, António Domingues, Fernando de Azevedo, José-Augusto França, Marcelino Vespeira e João Moniz Pereira, a fundação do Surrealismo em Lisboa, e viajou até Paris para estreitar laços com o grupo de André Breton e divulgar as actividades de Lisboa, não chegando no entanto a integrar definitivamente o entretanto baptizado *Grupo Surrealista de Lisboa*: já em 1948 formou, com Pedro Oom, Henrique Risques Pereira, António Maria Lisboa e Cruzeiro Seixas, um outro grupo, *Os Surrealistas*.

Mário Cesariny começou a ser conhecido como artista plástico nas primeiras exposições colectivas d’ *Os Surrealistas*, em 1949 e 1950, quando o grupo já se começava a desintegrar. Porém, permaneceu activo artisticamente, tanto na poesia como nas artes plásticas: a partir de 1950, publicou obras de referência como *Corpo Visível* (1950), *Louvor e Simplificação de Álvaro de Campos* (1953), *Nobilíssima Visão* (1959), *Titânia* e *A Cidade Queimada* (1965), *Burlescas, Teóricas e Sentimentais* (1972), *Primavera Autónoma das Estradas* (1980), ou *O Virgem Negra* (1989); e, a partir de 1958, passou a realizar exposições individuais de pintura, em Portugal e no estrangeiro.

Mário Cesariny foi um pintor de mérito, mas sobretudo foi poeta – é considerado como um dos mais importantes poetas portugueses do surrealismo –, romancista, ensaísta, dramaturgo e tradutor de grande envergadura. Mas foi, sempre, um homem de rupturas e de conflitos em diversas dimensões da sua vida e da sua obra: e no entanto, e para mais sendo avesso às superficialidades mais mundanas do meio intelectual e artístico português, Mário Cesariny foi, a partir dos anos de 1980, objecto de um crescente reconhecimento social (a sua obra literária teve uma reedição global, enquanto a sua figura e a sua obra artística se tornaram tema de variadas exposições de artes plásticas) e condecorado pelo Estado português. Parte do seu espólio literário encontra-se guardado na Biblioteca Nacional.

A Assembleia da República presta sentida homenagem a esta figura tão perturbante como fulgurante da vida cultural portuguesa no século XX que foi Mário Cesariny de Vasconcelos – que um dia escreveu, num poema do livro *A Cidade Queimada*:

A realidade, comovida, agradece
mas fica no mesmo sítio
(daqui ninguém me tira)
chamado paisagem

Tantos escritores

A realidade, comovida, agradece
e continua a fazer o seu frio
sobre bairros inteiros na cidade
e algures

Tantos mortos no rio

A realidade, comovida, agradece
porque sabe que foi por ela o sacrifício
mas não agradece muito

[...]

Palácio de São Bento, 29 de Novembro de 2006.

Pedro e Ti Sauer
Beate Gaei

Luís Figueiredo Duarte
Margarida Melo
Marta de Fátima
José Sanches
Daniel Rey
Beate Gaei
Pedro Duarte

José Bernardo
Odete Foafo
Fernando Assis
C. J.
-lito
Rosa Maria Fátima
Pedro Duarte